

O Barão de Studart e sua vida intelectual

DOLOR BARREIRA

1 — Neste rápido e desalinhavado artigo, tentarei esboçar, em linhas gerais, panorâmicamente, o que foi a vida intelectual do Barão de Studart, cujo centenário de nascimento ora transcorre.

Não se esperem cousas novas ou originais, mesmo porque, sobre o Barão, nesse particular, está dito tudo.

Tenho, apenas, portanto, que recapitular.

2 — O Barão de Studart fêz os seus primeiros estudos no colégio Ateneu Cearense, dirigido por João de Araújo Costa Mendes e Manuel Teófilo da Costa Mendes.

Já a êsse tempo, como nota Farias Brião, no seu trabalho **Homens do Ceará**, se deixava perceber sua decidida vocação para as letras.

2a — Concluiu o seu curso de humanidades no Ginásio Baiano, sob a direção de Abílio César Borges, mais tarde Barão de Macaúbas, a cujos cuidados seu pai o entregou, com a idade apenas de 12 anos.

O brilho da sua passagem pelo notável estabelecimento de educação atesta-o, a tóda prova, a obtenção da medalha de ouro — a mais elevada distinção com que os seus alunos podiam ser premiados — e que lhe foi pregada no peito pelo Visconde de São Lourenço, então Presidente da Província.

Para tal alvissareira conquista, teve o Barão de Studart

de pôr de parte tôdas as brincadeiras e travessuras da meninice, “segregar-se de tôdas as distrações próprias da juventude”, confessando a Farias Brito, a êsse propósito, por mais de uma vez, que “nunca trepara numa árvore, nunca ensaiara uma carreira, nunca soubera brincar os jogos que são a paixão da infância descuidosa”, acrescentando que “o divertimento a que sempre se entregou apaixonadamente foi a leitura dos livros, seus amigos prediletos”, nossos melhores amigos, como os nomeava Joaquim Nabuco em carta a Sancho de Barros Pimentel.

O autor da *Finalidade do Mundo* observa que os livros, que, no dizer de Oliveira Martins, com os mortos, de que são o sepulcro onde vivem, constituem, salvas exceções únicas, a melhor sociedade para a gente, foram, com efeito, os mais constantes e preciosos amigos do Barão de Studart, quer de dia, quer de noite, que em certas ocasiões foi preciso que o Barão de Macaúbas procurasse contê-lo, mandando apagar as luzes para forçá-lo ao indispensável repouso, e que ainda assim, em sua paixão, que tocava aos limites da mania, recorria, por vêzes à luz dos combustores.

3 — Terminado o curso de preparatórios, — é ainda Farias Brito quem o afirma, — tinha o Barão de Studart de deixar o Colégio onde estivera pelo espaço de três anos; mas as suas relações com o Diretor e um convite dêste fizeram com que nele permanecesse na qualidade de encarregado das aulas de Inglês, Geografia e História do Brasil.

Era notável o pendor do Barão para o estudo do Inglês, tanto que, mais tarde, deu à publicidade os seus *Elementos da Gramática Inglesa* compilados de bons autores.

Tinha, além disto, decidido gosto pelo magistério.

Prosseguiu, conseguintemente, na carreira das letras, mesmo porque abandoná-las “era para êle sacrificar longos anos de trabalho, era dizer adeus a seu sonho querido, era desesperar do futuro”.

4 — Ao mesmo tempo, porém, — 16 de março de 1872 — matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia.

Era, aos 16 anos, acadêmico e professor.

Ainda assim, lhe sobrava tempo para aprender o Italiano e o Grego, sendo seu mestre nesta última disciplina o Conselheiro Demétrio Círiaco Tourinho.

5 — Na Academia, dividiu o seu tempo “entre os afazeres do professor e as obrigações do estudante”, não sem romper frequentemente êsse círculo de deveres ordinários para empregar em campo mais amplo as suas atividades.

E’ assim que, — consoante ainda nos explica o filósofo do **Mundo Interior** — não só era membro obrigado de tôdas as associações literárias que naquele tempo passaram pela Academia de Medicina da Bahia, como foi, durante todo o curso de sua vida acadêmica, batalhador estrenuo da boa imprensa, sobretudo da imprensa católica, temperamento essencialmente religioso que era e o mostrou pelo tempo adiante.

6 — Doutorando-se depois de um curso brilhante, todo feito com aprovações plenas e com distinção, e ultimado com a defesa de sua tese para doutoramento — **Da Electroterapia**, matéria que outro aluno ainda não versara, chegou em janeiro de 1878 ao Ceará, onde os mais alevantados destinos de ordem intelectual lhe estavam reservados.

Realmente, entregue quase exclusivamente às letras, não houve afirmação daquela ordem que não contasse com a sua iniciativa e o seu apôio integral.

E’ assim que, com outros não menos ardorosos companheiros, fundou: o **Instituto do Ceará**, a **Academia Cearense de Letras**, o **Centro Literário** e o **Círculo Católico de Fortaleza**, associações estas de tôdas as quais, tirante a **Academia Cearense de Letras**, foi conspícuo Presidente.

7 — O que foi a sua fecunda atuação no **Instituto do Ceará** dí-lo, com tôda eloquência, o conceito que fêz do augusto

Grêmio e do seu **Grande Benemérito** exatissimamente uma só e a mesma entidade: — “**Esse homem é o Instituto do Ceará!**”.

Dí-lo, com não menor eloquência, a sua **Revista**, em que assídua e incansavelmente colaborou, desde o seu primeiro número (1887) com o artigo **Fazes o Bem, não cates a quem, ou uma página da vida do Senador Alencar**, — até — pode dizer-se — a sua morte, ocorrida em 1938.

Para prova de como, já aquêle recuadíssimo tempo, escrevia num estilo aprumado, correto e fluente, transcrevamos dêsse trabalho os seguintes tópicos:

“Acossados pelas tropas da legalidade, os homens da malfadada República do Equador buscavam fugir aqui e ali às perseguições e às vinditas, consequência obrigada das lutas fratricidas.

“Todos sabem que ao diácono José Martiniano de Alencar coube papel saliente nesse movimento das províncias nor-tistas.

“Fugindo do Exu conseguira êle entrar no território onde nascera, e por estratagemas escapar à espionagem de que era alvo cobiçado, quando em Riacho da Brígida logrou merecer a hospedagem de um potentado do lugar.

“Já se lhe ia entrando ao espírito a esperança do repouso relativo, quando ao terreiro da casa hospitaleira chega como dobre funerário, trazida por servo fiel, a nova de que a algumas milhas acampava um respeitável trôço de soldados, que, sedentos de vingança e estimulados pelos prêmios e galardões prometidos, iam em cata de um fugitivo, que diziam não andar muito distante daquelas paragens.

“Ao ouvir estas palavras, que lhe equivaliam sentença de morte, pôs-se Alencar em fuga pelos prados e matas, que em tôrno se estendiam a perder de vista, e foi dar a um sítio, onde pobre choupana, habitada por marido e mulher, quebrava a monotonia do lugar e assinalava, ela só, que ali o pé do homem havia transitado.

“Naqueles bons tempos não batia inútilmente em uma porta em busca de guarida o viandante, máxime se era um

Ministro da Religião, e, pois, Alencar foi francamente acolhido por Francisco Dias, que era êsse o nome do dono da cabana...

“Diminuída um pouco a efervescência dos ânimos partidários, Alencar julgou asada a ocasião de abandonar o esconderijo e ir em demanda de outra região, onde, contando com amigos, pudesse libertar o espírito de tantos sobressaltos e entregar-se a uma vida de mais tranquilidade, enquanto não soava o momento de completo esquecimento para suas opiniões e suas doutrinas, e então pensou que tudo encontraria se pudesse atingir às margens do S. Francisco ou, atravessando os sertões, embora ínvios, ir ter à Feira de Santa Ana, província da Bahia, ou mesmo a alguma província mais longínqua...

“Quase à meta daquela peregrinação, quando tudo parecia anunciar uma melhor fase de existência, as circunstâncias violentaram a Alencar a se fazer prender, e, para recebê-lo, abrem-se os portões da masmorra da Bahia.

“Só ali se fêz a separação dêsses dois homens fortes, tão diferentes na condição e na fortuna, tão distanciados pela inteligência, mas irmãos pela simpatia e pelos sacrifícios, que tinha um sabido despertar ao outro.

“Dobam-se os anos e completamente se tem mudado a face das cousas políticas do Império. Não mais se ouve falar em levantes de República, a monarquia tem conquistado todos os espíritos...

“Um dia, o presidente da província recebe cartas em que um pobre prêso, que ia ser submetido a julgamento, pedia-lhe com instância a esmola de curta conferência. Essa lhe é facultada, e avalie-se da surpresa da primeira autoridade da província quando ouve dos lábios do grande criminoso a história de um passado inocente, muito diversa da crônica dos atuais horrores e das repugnantes peripécias, que agora sôbre sua cabeça tinham feito chover as maldições dos céus e as justas cóleras dos homens, e avalie-se mais do seu espanto quando êle, Alencar, o representante do Imperador, desco-

bria no desgraçado, que se lhe ajoelhava aos pés, aquêlê Dias, que lhe salvara a existência e a cuja dedicação, portanto, devia sentar-se na cúpula social, entre os grandes da pátria brasileira!

“Admirável mudança de cena: o perseguido, o fugitivo, ditando leis e circundado de brasões e de ouropéis; aquêlê, que o arrancara à ira imperialista, atirado às gemonias do opróbrio, vítima da ignorância, escrava do meio social!

“Vida por vida! foi a resposta de Alencar.

“O prisioneiro voltou para a cela da masmorra, mas, reunido em breve o júri, saiu êle, graças a altas proteções, absolvido unanimemente.

“De volta a seus sertões viveu Dias ainda por longos anos, até 1875, e sempre a repetir o brocardo **Faze o bem, não cates a quem.**”

8 — De como, na **Academia**, foi o seu concurso de irrecusável proficuidade intelectual, mostra-o a **Revista da Academia Cearense**, a que nunca faltou a sua prestigiosa colaboração, e onde publicou, em primeira mão, além de outros trabalhos de caráter puramente científico, o seu **Pequeno Dicionário Bio-bibliográfico Cearense** — livro obrigatório, de que não pode prescindir e a que terá de recorrer, necessariamente, quem tiver de ocupar-se dêsse gênero de assunto — e **Usos e Superstições cearenses**, onde se revela hábil cultor do nosso folclore.

Dentre inúmeros outros, faz aí a respeito os seguintes registros: Não se deve espanar teias de aranha para não espanar a felicidade. Doente que espirra é sinal que não morre naquele dia. Chinelo emborcado traz infelicidade. O encontro por acaso de duas colheres numa xícara é prenúncio de casamento. Uivo de cão à noite é sinal de morte. Assoviar à noite é chamar cobra.

Não se esqueça que foi da autoria do Barão de Studart o primeiro projeto do plano, infelizmente não realizado, da **Academia Cearense** para a elaboração de um livro sôbre o Cea-

rá, que deveria chamar-se — **O Ceará em 1896**, no qual haveriam de caber-lhe as partes relativas ao povoamento e à história.

9 — Da sua auspiciosa passagem pelo **Círculo Católico** ficaram, à guisa de marcos miliários, a **Alocução** nele feita ao empossar-se no lugar de Presidente, e a conferência **Jesuitas e Jesuitismo**.

Exemplificam, plenamente, a segurança, o equilíbrio, a serenidade do seu pensamento, e o cunho literário com que no-lo apresenta, os seguintes tópicos da mencionada **Alocução**:

“A moral não é, não pode ser, como pregam e praticam os pseudo-sábios, uma transação com o espírito da época, uma submissão às novidades da moda intelectual, um acôrdo de interêsses em cambiantes de aventuras e fantasias, acompanhando o curso caprichoso, inconstante, efêmero e superficial das idéias filosóficas de cada escola, de cada coterie, salvo-conduto das almas fracas e vacilantes; não é; a moral tem alguma coisa de fundamental e imutável, que não fica à mercê das variantes de escolas e dos temperamentos individuais, tem alguma coisa de definitivo, inalterável como a luz do sol, alguma coisa de eterno como o próprio Deus.

“Querem os incrédulos a prova? Apreciem a evolução de pensamento humano; cada século, cada geração intelectual tem trazido sempre e inevitavelmente uma corrente revolucionária, criando novos sistemas de verdade, nova compreensão da vida, outras explicações, outras normas de conduta, novas doutrinas de moral, ondas impelidas pela paixão, pelas ambições, pela vaidade, mas que passaram como passa a paixão, passa a ambição e passa a vaidade.

“Que é feito do racionalismo de Kant, que tanto enfeitiçou os espíritos do século XIX? Onde é que impera a moral do positivismo de Comte? Onde frutificaram os princípios morais do materialismo de Büchner? Nas sociedades em dissolução, nas civilizações em decadência. Essas escolas caíram em nome da própria razão por que nasceram, a ciência; foi a ciência

que revelou e demonstrou a inanidade dos seus princípios, o vácuo de suas afirmativas.

“Entretanto, a moral cristã, a moral do Evangelho, contra a qual se assanham as iras de tôdas essas doutrinas, aí está firme, inabalável, serena e bela, exemplo da imortalidade em meio da nossa fragilidade terrena, sobrevivendo eternos e fecundos os seus ensinamentos, único e possível alicerce das civilizações.

“Mas renascerão outras filosofias, surgirão outros sistemas de erros, voltarão a campo novos sofistas, e a êstes õtros sucederão por sua vez.

“A vida é uma luta intérmina, e cada dia crescente, é um eterno esforço, é um sacrifício de todos os instantes, em que os maus irão sucumbindo ao pêso da própria ignomínia, e os bons, os moralmente fortes irão recebendo o batismo da glória e do renome.

“Pascal, aquêle sublime e genial taciturno, costumava, na sua linguagem patética e penetrante, opor às grandezas do homem as suas misérias e ao fulgor da sua inteligência as fraquezãs da sua vontade. E êsse será sempre o retrato da humanidade. Será eternamente assim porque a natureza humana é frágil e instável, mas por isso mesmo deve ser constante o zêlo dos bons, a preocupação dos fortes em levantarem os fracos, corrigirem os maus e orientarem os transviados.

“E’ preciso lutar, lutar muito e sempre; a inação, a apatia, a descoragem nos tentamens, a fraqueza na iniciativa, o receio dos preconceitos, o medo da crítica, o terror dos inimigos é que estragam e inutilizam as melhores horas da nossa vida. Nada mais terrível, nenhum castigo mais cruel, fatalidade mais irremediável que um homem de consciência reconhecer, no seu foro íntimo, a inutilidade de sua existência e a insignificação da sua posição no cenário do mundo”.

10 — No domínio intelectual, porém, é a historia do Ceará que logrou a sua mais atuante preferêcia. Absorveu nela a parte essencial das suas atividades.

Escrevendo naquele remoto ano de 1898, já podia Farias Brito, então, assegurar, depois de dizer que do indicado assunto se tinha ocupado uma série de homens eminentes, entre os quais sobressaíam, entre os mais velhos, Araripe e Théberge, e, entre os mais novos, Catunda, Perdigão, Antônio Bezerra,

Paulino Nogueira, João Brígido e o Barão de Studart, que êste, de todos, era o que mais trabalhava, pois, por amor à história do Ceará, não somente empreendeu mais de uma viagem à Europa, visitando particularmente os arquivos de Portugal, França e Espanha, como também adquiriu uma opulenta coleção de documentos com a qual dispendera vultuosíssima soma.

Foi, assim, investigador paciente e metuculoso das nossas origens, não tendo nenhum pormenor ou particularidade da nossa existência histórica escapado à sua observação e ao seu exame.

Nem material mais completo e mais rico, nesse particular, podia ser oferecido ou presenteado ao sociólogo ou ao crítico de amanhã, para as suas mais seguras e mais bem fundadas afirmativas e conclusões.

Teria sido tudo isso, sem dúvida, que fizera a Capistrano de Abreu afirmar, em carta ao Barão, que o Ceará é incontestavelmente o Estado do Norte cuja história está mais investigada, acrescentando: "Como seria bom se houvesse para Pernambuco um Guilherme Studart!".

11 — Suas produções históricas mais importantes, não se tomando em conta diversos trabalhos dessa natureza, inseridos, nomeadamente, na "Revista do Instituto do Ceará", — o grande campo de ação, onde temperou as suas melhores armas — dos quais podem ser destacados: **Azevedo de Montauray e seu govêrno no Ceará; Francisco Pinto e Luís Figueira: o mais antigo documento existente sôbre a história do Ceará; Martim Soares Moreno, o fundador do Ceará e O Movimento de 1817 no Ceará, são: Notas para a história do Ceará: Segunda metade do século XVIII, em 1 volume, e Datas e Fatos para a His-**

tória do Ceará, constante êste último trabalho das seguintes três partes, constituindo cada parte um volume independente: **Ceará Colônia, Ceará Província e Ceará Estado.**

12 — Quanto às **Notas para a História do Ceará** — em verdade, ao nosso ver, a mais preciosa realização do seu saber histórico — por isso que, aí, pontos de vista pessoais e opiniões próprias são apresentadas à miúde — foram recebidas com os mais calorosos aplausos pelos competentes e pela imprensa, do Brasil como de Portugal.

Em carta ao Dr. Paulino Nogueira, escreveu o Barão Homem de Melo: “E’ um trabalho do maior valor, que estou lendo com o máximo interêsse e que coloca o seu autor entre os nossos mais conscienciosos historiógrafos”.

Porfírio de Carvalho, então redator-chefe da *Nação*, de Lisboa, em carta ao autor das *Notas*, afirmou a respeito delas: “Li já todo o livro de que V. Excia. teve a amabilidade de oferecer-me um exemplar, e ao terminar a leitura lembrei-me daquela frase de ilustrado fidalgo contemporâneo do nosso Camões que disse, falando dos *Lusíadas*: “E’ pena que seja tão pequeno que se chegue ao fim do poema em pouco tempo, e é pena que seja tão grande que não possa decorar-se de princípio a fim”. O substancioso e interessantíssimo livro de V. Excia. está no mesmo caso; quando se lê a última página, fica-se lamentando a brevidade da obra em que há tanto que aprender e estudar”.

São palavras de Jules Torrend, relativamente ao mencionado livro: “Percorri a “**História do Ceará**” com que V. Exa. teve a fineza de me obsequiar, e li-a com o maior interêsse, sobretudo o capítulo IV.

“Bem haja V. Exa., que sem dar ouvidos a preconceitos de apaixonados ou mal informados, soube emitir desassombadamente a sua opinião.

“Quisera que lessem repousadamente estas páginas quantos pensam diferentemente sobre o assunto: estou certo que desapareceriam como por encanto essas falsas idéias, que a

paixão e a moda têm suscitado por tôda a parte e contra a Companhia de Jesus.

“Neste ponto e em muitos outros não tem lucrado pouco esta ordem religiosa perante a opinião pública com os estudos conscienciosos, que no presente século têm feito mais e mais conhecida e apreciada a sua história.

“E por isso presta-lhe V. Exa. um relevante serviço em dar publicidade a tão preciosos documentos como são os que V. Exa. traslada nas suas **Notas**...

“Diz V. Exa., à pág. 175, falando da **Relação** inédita do Padre Lourenço Kaulen que é “um grito de desapontamento e um protesto contra a ingratitude pontifícia”.

“O grito de desapontamento é muito natural e resulta abertamente de todo o contexto, mas o protesto contra a ingratitude pontifícia não vejo que palavras do Padre Kaulen o possam justificar, nem me consta que jamais um jesuíta se deixasse possuir tanto de sentimento pela supressão de sua ordem que alcunhasse de ingratos os príncipes e soberanos temporais, quanto mais os Sumos Pontífices cujas ordens foram, são e hão de ser sempre de nós acatadas como ordens que emanam do Vigário de Jesus Cristo na terra, ainda mesmo que elas tendam à nossa própria destruição.

“Eis o ponto que me pareceu digno de algum reparo e sobre que tomo a liberdade de patentear francamente a V. Exa. o que sobre êle penso.

No mais até me admiro, sendo como sou tão propenso a arvorar a bandeira da crítica, de não encontrar mais ponto nenhum onde ela possa ter cabida”.

De Paris, e a seu turno, escreveu F. de Sant’Ana Nery: “Em janeiro dêste ano (1893), achava-me eu engolfado na leitura de uns manuscritos, quase apagados pela mão do tempo, naquela formosa Biblioteca de Lisboa, tão repleta de preciosidades e tão poética de aspecto que a gente tem vontade de aí passar a vida, — quando à mesa vizinha sentou-se um rapaz modesto, que sobraçava enormes maços de papéis já cobertos de apontamentos. Soube pelo amável e erudito bi-

bliotecário que aquêlê estudioso, sempre o primeiro a chegar e sempre o último a sair da sala reservada de trabalho, era um patricio nosso, um nortista, natural da Fortaleza, o Dr. Guilherme Studart, que estava a coligir materiais sôbre a sua terra natal.

“Até que afinal deparava-me a minha boa estrêla um Brasileiro todo dedicado às letras, alheio ao borborinho revolucionário, ocupado com a única cousa que sobrevive — a arte!

“Agora, manda-me êle, de Lisboa, o primeiro resultado das suas investigações referentes à segunda metade do XVIII século. Intitulou-o sem pretensão: **Notas para a História do Ceará**. Abrange o período que vai da ouvidoria de Proença Lemos até a separação do Ceará do govêrno de Pernambuco. . .

“Para dar idéia do trabalho a que se sujeitou o autor, basta dizer que publica na sua integra mais de cento e cinquenta documentos inéditos —, um trabalho de beneditino.

“A obra do Dr. Guilherme Studart não revela tão sômente aturadas pesquisas, que lhe custaram muito tempo e muito dinheiro. Tem outra qualidade preciosa: a coragem. O autor rende preito sem reбуços à obra civilizadora dos missionários; faz mais ainda: demonstra, por meio de documentos irrefutáveis, que a expulsão dos Jesuitas, efetuada pelo Marquês de Pombal, deteve a evolução civilizadora do país e atirou a raça indígena à situação miserável em que hoje a vemos.

“Certo, o Marquês de Pombal foi um grande Português, e os Portugêses têm razão de o estimar. Para nós, Brasileiros, foi um péco administrador.”

E depois de considerar que o livro do Barão “tem o merecimento de trazer à tela da discussão êsses e outros problemas”, opina que, por isso, merece ser bem acolhido”.

Não faltaram os louvores de Clóvis Beviláqua à corajosa emprêsa: “. . . há de me ser preciosamente útil o manuseamento do livro. Entre os estudos, que atualmente me preocupam, está o da história do direito nacional, e em suas **Notas** tenho subsídios importantes de que espero aproveitar-me.

“Sei que são de vulto os sacrifícios que assoberbam em-

preendimentos literários no Brasil, mas espero que o ilustre patricio saberá vencê-los levando a fim a pesada tarefa, que tomou sôbre os ombros”.

13 — Quanto às **Datas e Fatos para a História do Ceará**, onde se acham concatenados ano por ano, mês por mês, dia por dia, os acontecimentos mais notáveis da nossa vida colonial, monárquica e republicana, maior elogio não lhes podia ser feito que o de se proclamar que primam pela honesta verdade dos seus registros, não se lhes tendo, até hoje — ao que nos conste — encontrado êrro grave ou substancial, mas, quando muito, simples cincas, senões ou venialidades que de maneira nenhuma infirmam ou comprometem a fidelidade da obra.

Formam, essas **Datas e Fatos**, “um pecúlio opulento de valiosos subsídios e úteis informações, materiais indispensáveis para a futura construção da nossa história”, e não há, nelas, apenas, “muito trabalho material, muita cópia de notícias utilíssimas e grande fôrça de vontade; a retidão, o escrúpulo, o tato finíssimo na apreciação dos fatos ou datas revelam uma consciência pura, principal preparo do verdadeiro historiador”.

Especialmente quanto às **Datas e Fatos**, Capistrano de Abreu, com a sua enorme autoridade, disse: “E’ com efeito o resultado de muitos anos de esforço indefesso e de investigações conscienciosas, e por isto desde logo se nota a segurança, a precisão e a abundância de informações”.

E se o grande historiador cearense reconhece que alguns senões existem, é para desde logo declarar: “Não passam de ligeiras manchas num livro em que datas e fatos contam-se por milhares e as descobertas e novidades contam-se por centenas”.

14 — Eis como, em uma síntese magistral, Pompeu Sobrinho conceitua, nesse particular, o Barão de Studart: “Desde muito moço, dedicou-se a pesquisas exaustivas, pacientes e

repetidas nos velhos arquivos peninsulares, de onde hauriu um acervo colossal de documentos preciosos, referentes à vida colonial do Brasil e particularmentee do Ceará”.

“Com apreciável tino, soube selecionar na sua enorme coleção de documentos originais os elementos básicos e indestrutíveis com que, em primeiro lugar, ordenou e redigiu corretamente trechos novos da nossa história, expondo fatos ainda desconhecidos, inéditos ou apenas vislumbrados; com que, em segundo lugar, corrigio muitos erros que se repetiam e se firmavam alhures; com que, em terceiro lugar, conseguiu apontar indícios e orientar esboços de conhecimentos que ainda se concretizam e se conformam sob o encargo de outros beneditinos da história nacional.

“Como historiógrafo, foi insuperável; a enorme relação de seus trabalhos concernentes à crônica literária cearense ou melhor nordestina é extraordinária. Seria importuno e até descabido aqui enumerar êstes trabalhos, mas o que importa indicar e sublinhar com traços espessos e indeléveis é o caráter de honestidade, o rigor proibidoso que enche tôda a sua imensa obra de grande severidade e transmite ao leitor o sentimento profundo da verdade. Ele nunca se permitiu fantasias, nem mesmo hipóteses ousadas, para preencher lacunas no fio das narrações. O que escreveu é exatamente e somente aquilo que os documentos em mão autorizavam e comprovavam.

“Daí, o não ter algumas vêzes agradado a leitura dos seus melhores ensaios aos homens apressados dos nossos tempos; daí, o aspecto fragmentário da sua extensa produção, no campo da história nacional. Daí, talvez, a razão por que a análise da documentação de que dispunha e lhe custara inauditos esforços e boa cópia de sua fazenda, não obedecera método que lhe permifisse esgotar até o fundo o veio de ouro que encerra.

“Isto, todavia, não foi um mal muito sério; deu lugar a que lhe sobrasse tempo para imprimir grande extensão à sua produção no plano horizontal, e, destarte, legar aos estudio-

ços das gerações que vêm material quase inesgotável para uma análise mais profunda, mais demorada, mais minuciosa e mais perfeita, mercê das novas aquisições no campo da crítica nacional.

“Em resumo, o Barão de Studart, como relator dos nossos fatos, não teve par na extremidade de sua obra colossal, e na qualidade dela só encontrou rival na pessoa dêsse outro cearense ilustre e profundamente patriota, que se chamou Antônio Bezerra de Meneses, e, bem assim, no grande mestre que foi Capistrano de Abreu, outro inolvidável cearense”.

15 — Não posso pôr termo a êste artigo, com que penso ter dado uma visão de conjunto, a mais completa possível, do Barão de Studart como expressão de inteligência, sem reproduzir aqui uma página sua, puramente literária, na qual põe à mais robusta prova as suas indiscutíveis qualidades de escritor: **LOURDES**.

Ei-la em alguns dos seus trechos: “Aquelas pitorescas terras da França onde se erguem os Pirineus, altaneiros, majestosos, encerram número não pequeno de santuários consagrados a Maria.

“Aqui é Betarran, de celebrada antiguidade, a recordar a perseguição dos huguenotes e os crimes e as espoliações da Revolução, e a lembrar também a fé e a piedade dos Bearnesez de Lestelle, com suas Estações e Capelas representando-nos os lugares santificados pelos sofrimentos do Homem-Deus; ali é Buglose, nos confins das Landes, impregnadas das tradições e da memória de Vicente de Paulo, com sua estátua policroma da Virgem, a qual data da Renascença, e com seu passado fértil de encantadores segredos; dêste lado é Garaison, onde a Virgem se dignou aparecer a Anglese de Sagazan, pastorinha de 12 anos, com seu velho mosteiro de longas arcadas, seus ricos ex-votos, seus arquivos e tesouros e sua história escrita nos preciosos quadros do pórtico do templo; daquele lado é Sarance, que vem do século 8º e por onde passou também, em devastadora vertigem, a sanha dos iconoclastas do Terror, co-

mo séculos antes haviam passado os protestantes fanáticos de Jeanne d'Albret; mais além são Notre Dame de Pieta^t, Notre Dame d'Heas e muitos outros lugares, que impressionam e seduzem os espíritos religiosos e amigos da meditação.

“Vales ondulantes, colinas tapetadas de verdura, cimos toucados de neves, regatos cristalinos, grutas misteriosas, terra que acudis por Betarran, Sarrance, Garaison e Buglose, eu vos venero e vos amo, porque por meio de vós andou e demorou-se a Virgem Imaculada em seus passeios de misericórdia e de amor pela humanidade, mas nenhuma de vós, ó abundantes fontes de graças preciosas, mas nenhuma de vós, ó paragens enobrecidas por tantos milagres, celebradas por tamanhas maravilhas, tem para mim os encantos, me fala melhor e com mais eloquência do que **Lourdes**.

“Lourdes! Profundas emoções desperta em todo meu ser esse nome querido das almas crentes e piedosas; fundas saudades experimento ao remontar à época ditosa em que me coube a fortuna de contemplar de perto os lugares em que se desenrola a bela e comovente história de que foi protagonista Bernadette Soubirous.

“Não foi há muito tempo. Fazia a minha segunda excursão pela Europa e tinha então a dourar-me a existência com os raios de sua formosura moral e com os dotes de sua viva inteligência a criatura que mais amei neste mundo.

“Em companhia da mãe, que era a personificação da fé pristã e de quem herdara as virtudes e o apego às crenças consoladoras da religião, ela, a minha boa Luisa, já havia percorrido na infância os sítios que agora revia, cheia de entusiasmos, embriagada de emoções; eu, porém, sentia pela primeira vez a enorme, a grandiosa, a muito explicável influência daquele feliz e abençoado trecho do Meio Dia de França.

“Lourdes! Parece-me estar ainda a vê-la com os olhos do corpo, porque da retina de minha alma rara vez a trago distante; parece-me estar agora mesmo a contemplar em mudez admirativa aquela majestosa Basílica e seu altar-mor, obra prima de gosto e de arte, e suas bandeiras bordadas de ouro

e pedrarias, entre as quais o auri-verde pendão brasileiro, dádivas de tôdas as nações do globo, e suas cinquenta lâmpadas a arderem dia e noite, e a Igreja do Rosário, e a Gruta de Masabielle, o local das aparições miraculosas, e as picinas, e os sãos de verificação dos milagres, e os hospitais para os peregrinos e essas outras mil cousas de que tive a alma empolgada e que tanto domínio firmavam na orientação da minha vida até hoje.

“Como eu, quantos e quantos não ido ali pagar o tributo docemente agradável, profundamente sincero de suas vassalagens à melhor e à mais terna das mães, à mais excelsa das Soberanas!

“... eu tivera a felicidade de chegar à encantadora cidade, que banha o Gave, de puríssimas águas, no momento da chamada Peregrinação Nacional.

“Trinta e cinco mil romeiros. Novecentos sacerdotes e entre êles muitos representantes do alto clero, de um dos quais, estrangeiro, como eu, o venerável Arcebispo Casanova, conservo grata e respeitosa memória.

“Fui dele companheiro por quinze dias sob os mesmos tetos hospitaleiros, aos quais quadrava bem o letreiro que encimava a porta principal; **La Solitude**, a solidão, chamava-se êsse nosso remanso de paz e de confôrto.

“Uma nesga do céu transportada para a terra. Era aí que me recolhia arrebatado, escravo das minhas emoções cotidianas.

“ E como o meu quantos corações bateram agitados ao influxo fascinante dos mesmos sentimentos!

“Em verdade, ninguém, em Lourdes, a êles se subtrai, ninguém a êles resiste”.

16 — Aí está o que minhas fôrças permitiram dizer sobre o Barão de Studart e sua vida intelectual.

Dicant meliora doctores...

De qualquer maneira representa a homenagem com que reverentemente me associo às commorações festivas pelo transcurso do centenário do seu nascimento.